

Povos

da África Austral

impuseram à RAS

Direito Internacional

— Presidente Samora Machel

— A África do Sul aceteu os princípios de Direito Internacional que até agora recusara — disse ontem o Presidente Samora Machel, ao analisar os resultados da luta pelo desenvolvimento e pela paz travada por Moçambique e por Angola. O dirigente moçambicano falava na abertura da Cimeira dos «Cinco».

No início da sua intervenção, o Presidente moçambicano informou que Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe convocaram esta Cimeira Extraordinária, aqui na África Austral, para manifestarem a sua solidariedade com a política de paz da República Popular de Angola e da República Popular de Moçambique.

Disse que os «Cinco» constituem um bloco unido e coeso, porque assumimos a luta de cada um de nós como a luta de todos nós.

O Presidente Samora Machel relembrou os elementos principais do património comum, através dos quais foi possível definir com clareza o inimigo, a estratégia e a tática:

— Soubemos distinguir, sem qualquer ambiguidade, o branco, o colono, do colonialismo português. Definimos o inimigo como sendo o sistema colonial.

Samora Machel descreveu a forma como estas ideias influenciaram os soldados e oficiais portugueses e o impacto que tiveram no processo conducente ao derrube do sistema fascista em Portugal, há 10 anos.

— Ao libertarmos as nossas Pátrias, impulsionámos a libertação do Zimbábue, o avanço da luta na Namíbia, o desenvolvimento do movimento democrático e anti-«apartheid» na África do Sul — disse Samora Machel.

O dirigente moçambicano destacou que a natureza da luta travada contra o colonial-fascismo nos cinco países conduziu a comunidade internacional a olhar para nós como representantes dignos de Povos orgulhosos e que fornecíamos alternativas de governação séria e responsável.

— Nunca encarámos a guerra como um instrumento de propaganda ou de agitação de massas. Por isso, recusámos sempre o terrorismo. Atingindo indiferentemente inocentes e não culpados, o terrorismo põe em causa a justiça, a dignidade, o respeito pela pessoa humana, que eram a essência da nossa luta. Ele destrói a base interna de apoio. Intimida, cria medo, e não o amor e a dedicação à causa. A acção terrorista tem por objectivo as parangonas dos jornais. Não con-

duz à libertação efectiva do Povo e da Terra, ao isolamento, ao cerco e aniquilamento do inimigo real.

Recordou as figuras de Mondlane, Cabral e Neto como dirigentes que abandonaram o conforto das cátedras, dos consultórios, dos gabinetes, para se instalarem na floresta e não no exílio.

Enumerou ainda vários combatentes que hoje têm papéis de responsabilidade em cada um dos cinco países e de muitas outras centenas de jovens que saíram dos liceus e escolas para irem para a floresta e não para utilizarem bolsas de estudo para o exterior.

— Assim invertamos a correlação de forças no terreno e não na propaganda — concluiu o Presidente Samora Machel, passando seguidamente a uma análise do fenómeno do banditismo armado na África Austral.

— Numa primeira fase, estes bandos participam activamente nas agressões contra Angola, tanto no Sul, como no Norte. Numa segunda fase, são reorganizados para assumirem a aparência de movimentos de resistência contra os governos legítimos de Luanda e Maputo.

Posteriormente, o sistema generalizou-se à África Austral e é criado o chamado Exército de Libertação do Lesotho e a chamada ZAPU — Dissidente ou Super-ZAPU — disse Samora.

Disse que a luta dos povos nesta zona do Continente Africano conduziu a uma alteração da correlação de forças. Assim a RAS que, com o banditismo armado, pretendia destruir o MPLA é obrigada a negociar com o Governo legítimo da RPA e a iniciar a evacuação das suas tropas, sendo, portanto, forçada a obedecer às normas do Direito Internacional. Com o Acordo de Nkomati, ela aceita coexistir e ter relações de boa vizinhança com o nosso Estado Socialista.

Samora Machel recordou a terminar que, no passado, as reuniões entre os «Cinco» eram para tratar dos problemas comuns da libertação nacional dos nossos países colonizados.

Acrescentou que hoje encontramos para discutir os problemas igualmente comuns do desenvolvimento da conquista da paz, da construção nas nossas Pátrias libertadas, de sociedades onde reine a liberdade, a igualdade, a justiça, a democracia, o progresso, o bem-estar. Hoje, o nosso combate comum é um combate pacífico, é um combate que exige a paz.

Nº 28
4
84